

Análise estrutural-diferencial do mercado formal de trabalho em Mato Grosso do Sul

Rosele Marques Vieira

Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

E-mail: roselmvieira@hotmail.com

Fabricio Jose Missio

Professor do CEDEPLAR/UFGM

E-mail: fabriciomissio@gmail.com

Ricardo Dathein

Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: ricardo.dathein@ufrgs.br

Resumo

Transformações recentes na produção inseriram uma nova ordem que contempla tecnologia de base microeletrônica, alteração das técnicas organizacionais e crescente globalização dos mercados. Essas transformações provocaram mudanças significativas no mercado de trabalho no âmbito nacional/regional. Nesse contexto, o objetivo desse artigo é analisar a dinâmica do emprego por setor de atividade econômica nas microrregiões do estado de Mato Grosso do Sul, no período de 1990/2010, utilizando o método estrutural-diferencial. Os resultados mostram que o mercado de trabalho no estado tem uma dimensão estrutural, decorrente da reorganização das técnicas de produção, e uma dimensão conjuntural, associada às modificações na política econômica e a componentes locais específicos.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva. Emprego. Método *shift-share*.

Abstract

In the last two decades have seen the occurrence of transformations on form of production that now includes modern microelectronics technology, reorganization of organizational techniques and increasingly global markets. These transformations changed the labor market at the national / regional level. In this context, the aim of this paper is to analyze the dynamics of employment by sectors of economic activity in the regions of the state of Mato Grosso do Sul, in the period 1990/2010, using structural-differential method. The results show that the labor market in the state has a structural dimension, arising from the reorganization of production techniques, and a cyclical dimension, associated with changes in economic policy and specific components locations.

Key words: *Restructuring of production. Employment. Shift-share method.*

JEL Code: R11, R23

1. Introdução

Nas últimas três décadas, a economia brasileira passou por profundas transformações, entre as quais se destacam o processo de abertura comercial, a alteração do papel do Estado, a reestruturação produtiva e a estabilização da moeda, que acabaram por repercutir no mercado de trabalho.

O mercado mundial também está cada vez mais globalizado. Neste contexto, a indústria, a produção e a fábrica deixam de ter como espaço central o cenário nacional e passam a ser fortemente integradas e coordenadas globalmente. Isso porque, a partir do chamado processo de reestruturação industrial, que está baseado em novos processos produtivos, em um modelo de automação flexível e em novas formas de organização da produção, as empresas têm buscado se adaptar à evolução da base técnica que cada vez mais se caracteriza pela automação de processos. Essa automação determina uma forma mais intensa de concorrência baseada, fundamentalmente, na produtividade (Mattoso e Baltar, 1997; Dedecca, 1998 e 2005; Oliveira, 1996; Pochmann, 1998; entre outros).

A aceleração do processo de automação e a crescente substituição da eletromecânica pela tecnologia digital de base microeletrônica revolucionaram os processos de produção e acabaram atingindo o mercado de trabalho. Por um lado, diminui-se a oferta de empregos, por outro, o sistema passa a exigir trabalhadores cada vez mais escolarizados, proativos e polivalentes, como condição necessária para que ocupem as novas funções que surgem a partir das alterações na base tecnológica do sistema produtivo. Em síntese, as modificações tecnológicas, com reflexos diretos sobre a organização do processo de trabalho, somadas à reestruturação dos mercados nacionais e internacionais, diminuiram relativamente a capacidade de absorção de mão de obra pelo mercado.

De outra parte, ocorreu intenso processo de realocação produtiva global, transformando-se o leste asiático em centro produtor industrial e exportador mundial. Nesse contexto, houve forte crescimento do emprego nesta região. Ao mesmo tempo, esta região, principalmente a China, transformou-se em grande demandante de *commodities*. Fruto dessa dinâmica, houve alteração substancial de preços relativos, com barateamento de preços industriais mundiais e crescimento de preços de *commodities*, provocando melhora dos termos de intercâmbio para os exportadores desses últimos bens, mas piora para os exportadores de bens industrializados, além de aumento da penetração de bens manufaturados a preços baixos no mercado doméstico. Essa dinâmica provocou intensos impactos estruturais sobre o mercado de trabalho brasileiro.

As mudanças observadas na economia brasileira impactaram de maneira diferenciada o mercado de trabalho, pois, ao mesmo tempo em que extinguiram alguns segmentos “menos” competitivos, ou seja, de menor produtividade, estimularam ações para a aproximação de outros aos novos paradigmas técnicos de produção (Coutinho e Ferraz, 1994). A abertura comercial, acompanhada das inovações tecnológicas, provocou uma reestruturação empresarial com a emergência de novos setores em detrimento de outros. Os que não se adaptaram à concorrência externa se enfraqueceram, mas uma parte dos que permaneceram no mercado se fortaleceram, uma vez que tiveram acesso a novos insumos e a novas tecnologias importadas. No entanto, em geral não houve integração às cadeias globais de valor e nem uma substancial criação de capacidade inovativa. Nesse contexto, as taxas de investimento permaneceram relativamente baixas e a capacidade exportadora pouco se expandiu.

Dessa forma, as mudanças no padrão de desenvolvimento econômico, a inserção internacional e as políticas macroeconômicas nas três últimas décadas promoveram

dinâmicas nacionais, regionais e locais diferenciadas no modo de organização e gestão da produção, bem como no comportamento do mercado de trabalho. Portanto, é de grande relevância a realização de estudos mais específicos sobre a dinâmica do emprego/desemprego, para que seja possível delinear políticas que promovam a retomada do desenvolvimento não excludente em um contexto de crescente competitividade. Mais especificamente, frente à realidade que impõe o aumento dos níveis de produtividade e de eficiência na economia brasileira, entende-se necessário o estudo do mercado de trabalho sob a ótica nacional/regional, no sentido de identificar os dinamismos regionais e orientar a definição de políticas voltadas para as áreas menos desenvolvidas.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar a dinâmica do emprego por setor de atividade econômica nas onze microrregiões do estado de Mato Grosso do Sul (MS), no período de 1990/2010, utilizando o método estrutural-diferencial³. Assim, por meio dos resultados obtidos será possível identificar os diferenciais regionais de crescimento do emprego e justificar a promoção de políticas públicas que visem alterar as causas e amenizar as consequências das possíveis distorções existentes no referido mercado. Ressalta-se que são incipientes os trabalhos que buscam estudar as características econômicas do MS e, em nosso conhecimento, não há estudos semelhantes a estes na literatura. Ademais, considerando que neste ano corrente de 2017 o MS completa 40 anos do seu desmembramento (até então seu território pertencia a Mato Grosso), justifica-se esse estudo como uma tentativa de avançar na construção de uma análise que permite ampliar o conhecimento desta Unidade da Federação. Considera-se que a falta de conhecimento impede que se explore justamente o que é uma das características mais importantes do Estado, ou seja, a sua diversidade (tanto em termos econômicos, cultural, institucional e social quanto em termos da culinária, das paisagens e das expressões culturais), o que coloca certas restrições ao crescimento econômico da região.

O artigo está dividido em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A seção 2 apresenta um breve resgate do referencial teórico e faz uma análise da dinâmica recente do mercado de trabalho no MS; a seção seguinte apresenta a metodologia, onde se discute o método estrutural-diferencial simples e ampliado. A seção 4 apresenta os resultados e as discussões.

2. Referencial teórico

A chamada Terceira Revolução Industrial, caracterizada pela substituição da eletromecânica pela tecnologia digital de base microeletrônica, rompe com o padrão de desenvolvimento estabelecido no pós-guerra, alterando, principalmente, a estrutura da produção industrial (Mattoso, 1995; Singer, 1998; Werneck, 2002). Essas transformações resultam, de um lado, do esgotamento da capacidade de inovar do paradigma científico e tecnológico taylorista-fordista e, de outro, do crescimento de novos setores intensivos em tecnologia. Nesse sentido, à medida que as transformações se difundem para os diferentes setores da economia, invariavelmente surgem novos produtos e novos processos produtivos que, por sua vez, passam a reconfigurar a estrutura produtiva e, conseqüentemente, o mercado de trabalho.

Esse novo paradigma tecnológico teve sua origem em meados da década de 1970 e se estabeleceu definitivamente nos anos 1980, consolidando, em especial nas economias mais desenvolvidas, um processo de transição para um novo padrão de

³³ A justificativa para o período é de evitar os conturbados anos da década de 1980 e o pós- crise do *sub-prime* iniciada nos Estados Unidos em 2007-2008.

crescimento com ênfase nas novas tecnologias - principalmente a microeletrônica, a biotecnologia e os novos materiais - e no desenvolvimento de novas técnicas de gerenciamento, novas formas de organização industrial e novas estratégias de mercado (Missio *et al*, 2007).

A ênfase na inovação tecnológica e o surgimento de novos paradigmas organizacionais tornam-se, segundo alguns autores, as premissas básicas para a sobrevivência das empresas. Para Chahad (1998, p. 257-58), essas mudanças têm efeitos significativos sobre a indústria, entre os quais, destacam-se: i) encurtamento dos ciclos de produção, de inovações e de negócios; ii) consolidação das tecnologias da informática e da computação, que se transformam em instrumentos hegemônicos de uma nova era econômica; iii) novas formas de gestão dos negócios de trabalho; iv) mudanças na divisão do trabalho e na alocação da mão de obra intra e entre empresas, com o advento da terceirização; e v) novos requisitos demandados ao trabalhador em termos de sua polivalência, adaptabilidade, participação, iniciativa, cooperação e conhecimento dentro dos novos processos produtivos.⁴

A imposição por ganhos de produtividade se traduz em uma pressão contínua por reduções de custos, comprometendo, sistematicamente, o nível de emprego industrial. A retração desse segmento do mercado de trabalho é acentuada pela destruição dos segmentos industriais menos competitivos e pelo avanço da subcontratação na produção de bens e serviços pelas grandes empresas. É possível identificar, portanto, que esse novo padrão possui duas implicações básicas sobre a ótica da geração de empregos: por um lado, diminui sensivelmente os requisitos de trabalho por unidade de capital utilizado, assim como o produto gerado, por outro, demanda cada vez mais trabalho de melhor qualificação, como forma de se obterem rapidamente ganhos de produtividade. Essas implicações trazem alterações na postura adotada pelas empresas em busca da competitividade e da produtividade.

Para Dedecca (1998; 2005), a reestruturação produtiva dos anos de 1990 impõe uma rápida reconfiguração da estrutura produtiva com implicações significativas sobre a estrutura industrial, uma vez que os ganhos de competitividade se tornam o elemento chave para o bom desempenho das empresas em um contexto de abertura comercial e de globalização.⁵ Essa nova perspectiva caracteriza uma reorganização econômica que não possui mais como foco a montagem de um aparelho produtivo complexo, mas sim a especialização de setores e de segmentos produtivos dinâmicos, principalmente os que apresentam vantagens competitivas.

Diante dessas transformações que passam a afetar a economia nacional, Pochmann (1998) faz uma análise do mercado de trabalho brasileiro e identifica, em linhas gerais, velhos e novos problemas. Nos velhos problemas, duas distintas dimensões caracterizavam o mercado de trabalho até o final da década de 1980. A primeira estava associada à permanência de entraves tradicionais em economias periféricas, decorrentes fundamentalmente de um processo incompleto de estruturação do mercado de trabalho que, embora estivesse se desenvolvendo desde o início da industrialização nacional, não chegou a se completar ainda nos anos 1980. A segunda

⁴ Sobre as implicações do processo de reestruturação produtiva no Brasil para os trabalhadores ver Hotz e Zanardini (2009), entre outros.

⁵ Para Santos (1993), o processo de globalização resulta do aumento da comunicação entre os homens e leva à internacionalização do sistema produtivo e dos serviços. No entender de Lacerda (1998), a globalização assume características distintas nas diferentes esferas das relações econômicas internacionais - produtiva, monetária, financeira, comercial e tecnológica. Independentemente da esfera, existem dois elementos comuns à dinâmica do sistema econômico mundial: a aceleração da internacionalização e o acirramento da competição.

refere-se à presença de sinais de desemprego estrutural no Brasil, típico de uma economia industrializada. Isto é, ao longo do processo de desenvolvimento, foi sendo mantido um elevado excedente de mão de obra incapaz de ser absorvido plenamente pelo movimento de rápida e profunda modernização das forças produtivas.

No Brasil, considerando o que Pochmann identifica como novos problemas para os anos 1990 destacam-se: i) a desestruturação do mercado de trabalho; e ii) um novo desemprego estrutural. O primeiro movimento compreende dois fenômenos que combinam entre si altas taxas de desemprego aberto e geração insuficiente de postos de trabalhos. Ademais, a redução no emprego formal ao longo desse período esteve associada em grande parte à forma de inserção da economia no âmbito internacional, que determinou um relativo aumento na taxa de desemprego no início da década de 1990, condizente com a situação de desestabilização econômica do período.

Não obstante, o cenário muda a partir dos anos 2000. A economia brasileira volta a crescer (sobretudo a partir de 2003) como resultado da confluência de fatores internos e externos favoráveis e, diferentemente do observado na década anterior, a curva do emprego ou ocupação voltou a acompanhar a da produção, um movimento que iniciou um ciclo de expansão do consumo e da produção, com reflexos positivos sobre a capacidade de geração de novos postos de trabalho da economia, ainda que o aprofundamento da crise global, no último trimestre de 2008, tenha repercutido negativamente sobre a economia brasileira. Essa retomada do crescimento da economia brasileira na primeira década do século XXI não repete as tendências passadas: essa economia já é outra, o mercado de trabalho e as relações de trabalho foram profundamente transformados (Borges, 2010).

Conforme Dedecca e Rosandiski (2006), as características que diferenciam a recuperação atual daquela observada durante o Plano Real, encontram-se na raiz da determinação do crescimento do produto com recomposição ponderável do emprego formal. Em 1995-98, as importações provocaram a redução da produção ou uma modernização a qualquer custo, com conseqüências fortemente negativas sobre o emprego formal. Por outro lado, entre 2003-2005, por exemplo, o superávit comercial externo estimulou positivamente a atividade interna, favorecendo a produtividade.

Em síntese, no final da década (2010) os resultados são positivos para o mercado de trabalho em decorrência do que se reconhece ser o primeiro ciclo de expansão pós-ajuste. Embora recente e com possibilidades de desdobramentos ainda não consolidadas, o cenário atual caracterizado por um novo patamar de juros (redução) e conseqüente expansão do mercado interno indica a permanência de repercussões positivas sobre o mercado de trabalho.

Do ponto de vista regional, cumpre observar que o estado do MS não é ainda fortemente industrializado, o que pode sugerir que as mudanças ocorridas com a reconfiguração produtiva aprofundada na década de 1990 não tiveram impactos sobre a estrutura produtiva e, por conseguinte, sobre a dinâmica do emprego no estado. Não obstante, o que se observa é que não só a lógica dessas mudanças passou a permear as atividades produtivas, como também efetivamente propiciaram mudanças, em especial, no que se refere à reorganização das técnicas de produção. Em outras palavras, a reestruturação produtiva inseriu na lógica produtiva sul-matogrossense a busca pela competitividade, em especial, no setor agropecuário, que compete com o mercado de *commodities* internacional, bem como aprofundou o processo de mecanização da produção e a própria orientação da mesma com o processo de seleção de novas culturas nesse setor. Ademais, intensificou o processo recente de industrialização e de desenvolvimento do setor de serviços (Pavão, 2005; Pereira, 2007; Araujo e Bicalho, 2009; Domingues e Thomaz Junior, 2009; Milani e Silva, 2011).

Evidentemente, como a matriz produtiva do estado é diferente dos principais centros produtivo-econômicos do Brasil, as mudanças sobre o mercado de trabalho sul-mato-grossense oriundas desse processo de reestruturação produtiva têm componentes específicos atrelados à organização e a produção local. A seguir, são apresentados alguns dados do emprego por setor de atividade do MS no período 1990 a 2010.

2.1 Dinâmica do Emprego no Mato Grosso do Sul (1990-2010)

Segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o comportamento do mercado de trabalho no MS durante o período 1990-2010 foi marcado inicialmente por um declínio na oferta de empregos e posterior recuperação (Tabela 1). No início do período, todos os setores apresentaram saldos negativos, exceto a atividade extrativa-mineral. A indústria de transformação, por exemplo, inicia o período de análise com saldo negativo de -1.558 e esse decréscimo continua até 1992, quando ela alcança seu pior resultado em termos de emprego com redução de 2.442 postos de trabalhos.

Entre 1995-1998, as demissões continuaram aceleradas, tendo sido desligados, nos primeiros dois anos, 16.858 trabalhadores a mais que as contratações do mesmo período, refletindo as dificuldades enfrentadas por alguns setores que tiveram de adotar políticas de ajustes diante de uma conjuntura globalizada e de estabilização da economia. Essa tendência é observada praticamente até o final da década.

Tabela 1 - Saldo do emprego no mercado de trabalho formal no MS, 1990-2010.

Anos	Extrativa-Mineral	Indústria de Transformação	Comércio	Serviços	Agropecuária
1990	245	-1558	-433	-1716	-254
1991	45	-511	-2767	-2070	59
1992	148	-2442	-1887	-893	-558
1993	-4	1.744	741	2337	909
1994	-290	-430	2670	1667	-566
1995	-176	-1004	-2439	-3189	-127
1996	-88	535	-804	-21415	-2105
1997	29	318	976	1696	-410
1998	18	-231	-810	-2020	-680
1999	-433	-214	-304	1033	-2166
2000	-26	1795	2383	2021	267
2001	418	3345	2145	1966	46
2002	-31	4162	3722	1202	1146
2003	263	613	4342	3885	2253
2004	73	4440	5462	5518	2654
2005	150	692	2516	1734	-1269
2006	85	3626	1591	2664	1597
2007	196	2216	3409	3621	536
2008	106	661	4540	5637	-1448
2009	-206	5337	2948	4852	1925
2010	152	7596	7436	10177	340

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados do Caged.

A reversão da tendência ocorre no início da década seguinte, quando todos os setores apresentam recuperação. De 2003 a 2008, todos os setores contratam mais,

exceto a Agropecuária nos anos de 2005 e 2008. Este ano foi desfavorável para este setor em função das dificuldades nas atividades agrícolas decorrentes das perdas de safra e da redução dos preços dos produtos. Segundo dados da Semac (2009), em 2005 a produção agrícola sofreu redução da produtividade, do volume produzido e a queda dos preços, principalmente da soja e dos produtos pecuários, que, somados aos problemas sanitários, afetaram o valor e o volume comercializado, ocasionando taxas de crescimento negativas para o setor.

Apesar do bom desempenho, ressalta-se que entre os anos de 2005 e 2009 a economia sul-mato-grossense passou por vários momentos de instabilidade. O setor primário, por exemplo, passou por dificuldades provocadas pela estiagem que já se prolongava desde 2004, o que resultou em uma redução expressiva da produção de grãos. Ademais, no ano de 2005, a pecuária foi surpreendida pelo aparecimento de um foco de febre aftosa na região de fronteira com o Paraguai, com impactos diretos sobre os municípios de Eldorado, Mundo Novo, Iguatemi e Japorã, que se estenderam para todos os demais municípios do MS, já que o estado ficou impedido de exportar carne para mais de 50 países. Em contrapartida, o setor industrial passou por um período de retomada da sua expansão, principalmente nos segmentos sucroalcooleiro, papel e celulose e siderurgia, o que estimulou o avanço de atividades agrícolas fortemente mecanizadas, como o cultivo da cana-de-açúcar e a silvicultura, com destaque para o eucalipto (SEMAM, 2011).

No ano de 2009, os setores da indústria de transformação, serviços, comércio e agropecuária registraram desempenho favorável, com destaque para a indústria de transformação, que apresentou o maior saldo de empregos (5.337). Em 2010, todos os setores apresentaram saldos positivos, com destaque para o setor de serviços, seguido da indústria de transformação e do comércio. O desempenho recente da economia sul-mato-grossense mostra que o potencial dessa região tem se fortalecido nos últimos anos, ampliando oportunidades de emprego e renda.

A seguir apresenta-se o método estrutural diferencial que permite uma análise mais aprofundada da dinâmica do mercado de trabalho por setores de atividade e microrregiões do MS. Esta metodologia permite identificar os componentes do crescimento, bem como as razões que explicam o diferencial de crescimento entre regiões. Mais importante, o método permite identificar se a performance de determinada região está condicionada ao desempenho da economia nacional em que ela está inserida, à estrutura produtiva local ou à presença de vantagens locais específicas que dão dinamismo à região (HERSEN; FERRERA DE LIMA, 2009).

3. Metodologia

O método estrutural diferencial parte de uma constatação empírica bastante simples: o crescimento do emprego é maior em alguns setores e em algumas regiões. Dessa forma, uma determinada região poderá apresentar um ritmo de crescimento econômico maior do que a média porque na sua composição produtiva existe uma preponderância de setores mais dinâmicos ou porque ela tem participação crescente na distribuição regional do emprego, independentemente de esta expansão estar ocorrendo em setores mais dinâmicos ou não (HADDAD, 1989).

Considerando que a economia de referência é o estado do MS, observa-se que método estrutural-diferencial (*shift-share*) divide o crescimento regional em três componentes:

- (i) O componente estadual: refere-se à variação do emprego de uma região provocada pelo crescimento dessa mesma variável na economia de referência.

- (ii) O componente estrutural (ou proporcional): representa a parcela do crescimento do emprego obtida por uma região devido à sua estrutura produtiva. O resultado será positivo para regiões que apresentam em sua estrutura produtiva setores considerados dinâmicos, ou seja, que mostram taxas de crescimento superiores às do conjunto dos setores na economia de referência. Já regiões compostas principalmente de setores estagnados, com baixas taxas de crescimento, apresentarão um resultado negativo. Em outras palavras, se o efeito estrutural apresentar sinal positivo, houve especialização em setores dinâmicos no âmbito estadual; caso contrário, parte da produção foi realizada por setores com baixa taxa de crescimento.
- (iii) O efeito diferencial ou competitivo: indica a parte do crescimento do emprego regional gerada por vantagens locacionais que fazem com que determinados setores possam crescer mais rapidamente em determinada região do que no âmbito estadual. O sinal apresentado pode ser positivo (negativo) para um dado setor, indicando que a região apresenta vantagens (desvantagens) em relação à economia de referência na produção deste setor. Se for positivo, por exemplo, indica que naquela região o setor cresce a taxas superiores ao do estado, em função de possíveis vantagens locacionais como mão de obra qualificada, incentivos fiscais, fonte de matérias-primas etc.

O efeito total é dado pela soma dos efeitos estrutural e diferencial, medindo a diferença entre o crescimento real ou efetivo apresentado pela região e o crescimento teórico (ou aquele que a região deveria apresentar, caso evoluísse à mesma taxa da economia de referência).

A partir da distribuição de dados em matrizes de informação para o ano base e o ano final, é possível aplicar o método, que, na sua formulação original, é descrito como segue³:

- a) A variação real é igual ao nível do emprego do fim do período (E_{ij}^t) menos o nível do emprego no início do período (E_{ij}^0):

$$\Delta E_{ij} = E_{ij}^t - E_{ij}^0$$

(1)

- b) O volume do emprego do ano final do setor i na região j pode ser expresso em termos do emprego do ano inicial, multiplicado por sua taxa de crescimento no período (e_{ij}):

$$E_{ij}^t = E_{ij}^0 \cdot e_{ij} = E_{ij}^0 e_{ij}$$

(2)

- c) Substituindo (2) em (1) obtém-se a variação real do emprego do setor i na região em função da quantidade inicial desse emprego e de sua taxa de crescimento ($e_{ij} - 1$):

$$\Delta E_{ij} = E_{ij}^0 \cdot e_{ij} - E_{ij}^0 = E_{ij}^0 (e_{ij} - 1)$$

(3)

- d) A taxa do crescimento do emprego total estadual entre o ano base e o ano final é $e = E^t \div E^0$ e a do crescimento do emprego do setor i do estado no mesmo período é $e_i = E_i^t \div E_i^0$. Logo, somando e subtraindo essas taxas em (3), obtém-se:

³ As equações estão fundamentadas em Pereira e Campanile (1999).

$$\Delta E_{ij} = E_{ij}^0(e-1) + E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$$

(4)

e) Da substituição de (4) em (1), tem-se, finalmente, que:

$$E E_{ij}^t - E_{ij}^0 = E_{ij}^0(e-1) + E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$$

(5)

f) Em (5) a variação real do emprego do setor i na região j ($E_{ij}^t - E_{ij}^0$) é igual à variação teórica $E_{ij}^0(e-1)$ mais a variação estrutural $E_{ij}^0(e_i - e)$ e a diferencial $E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$.

Caso a variação real seja superior à teórica, $(E_{ij}^t - E_{ij}^0) > E_{ij}^0(e-1)$, a região j cresce acima da média estadual e apresenta elementos dinâmicos internos e/ou externos atuando positivamente na região. Porém, se a variação real for inferior à teórica, a região j apresentará maior número de setores estagnados, uma vez que seu crescimento é inferior ao estadual. Logo, esta região estará perdendo participação na economia estadual.

O maior dinamismo implica que a região apresenta vantagens locais específicas para a atividade i , como incentivos fiscais, economias de transporte pelo fácil acesso aos mercados e/ou a fontes de matérias-primas, economias de aglomeração e vantagens comparativas na produção (HADDAD, 1989).

A variação líquida total (T_{ij}) poderá ser positiva ou negativa. Essa variação é encontrada pela diferença entre a variação real e a variação teórica setorial do emprego, que é a soma dos efeitos estrutural e diferencial:

$$T_{ij} = (E_{ij}^t - E_{ij}^0) - E_{ij}^0(e-1) = E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$$

(6)

Em síntese, a aplicação do método estrutural-diferencial consiste em desagregar os componentes responsáveis pelo crescimento de uma região e setores de forma a verificar quais destes setores crescem (ou decrescem) mais rapidamente em comparação com os outros. Assim, podem-se definir quais regiões ou setores são mais dinâmicos na geração de crescimento.

3.1 Método Estrutural-Diferencial Ampliado

A literatura considera que a formulação original apresenta anteriormente tem problemas, dado que a ponderação das taxas de crescimento não leva em consideração as mudanças ocorridas dentro da estrutura das variáveis durante o período de observação. Para superar essa dificuldade, serão utilizadas as contribuições ao método de Esteban-Marquillas (1972) e as correções a esta versão efetuadas por Herzog e Olsen (1977).

A modificação de Esteban-Marquillas (1972) introduz o efeito alocação na análise para avaliar os componentes do crescimento regional a partir de um novo elemento chamado emprego homotético, que corresponde ao volume de pessoal ocupado que o setor i da região j teria se a estrutura de emprego fosse igual da economia de referência. Assim, a identidade *shift-share* seria definida por:

$$\Delta E = EN_{ij} + ES_{ij} + EC_{ij}^* + EA_{ij}$$

(7)

em que,

$$EN_{ij} = E_{ij} r_{ij} \quad (\text{efeito nacional})$$

(8)

$$ES_{ij} = E_{ij}(r_{in} - r_n) \quad (\text{efeito setorial ou estrutural})$$

(9)

$$EC_{ij}^* = E_{ij}^*(r_{ij} - r_{in}) \quad (\text{efeito competitivo ou regional})$$

(10)

$$EA = (E_{ij} - E_{ij}^*)(r_{ij} - r_{in}) \quad (\text{efeito alocação})$$

(11)

Utilizando o emprego homotético para a obtenção do efeito competitivo (EC_{ij}^*), este perderá a influência do efeito estrutural, conforme demonstrado em (4). Completando a análise do efeito competitivo, o método inclui o efeito alocação para absorver o resíduo entre EC_{ij} e EC_{ij}^* , demonstrado em (11).

Herzog e Olsen (1977) reformularam o efeito alocação, ao inserir a mudança no peso na composição do emprego no final. O novo *efeito alocação* tem como componentes explicativos a composição do emprego nos anos inicial e final e suas respectivas taxas de crescimento. A equação resultante é:

$$EA' = (E_{ij}^t - E_{ij}^{t*})(E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})(r_{ij} - r_{in})$$

(12)

O *efeito alocação* indica se a região é especializada ($E_{ij}^0 > E_{ij}^{0*}$) e quais setores apresentam melhores vantagens competitivas ($r_{ij} > r_{in}$). Para melhor explicar os resultados, Herzog e Olsen (1977) resumem as possíveis definições que podem ser obtidas através da análise do *efeito alocação* (Tabela 2).

As regiões mais dinâmicas são as que possuem vantagem competitiva especializada, isto é, o setor i encontra-se bem representado e cresce mais na microrregião que no estado. Um efeito alocação positivo pode indicar duas situações: (a) que a microrregião é especializada na produção do setor i (+) e que esse setor está crescendo mais na microrregião que no estado (+); (b) que esse setor está crescendo mais na microrregião que no estado (+), embora a microrregião seja não especializada nesse setor (-).

Tabela 2 - Sinais dos possíveis efeitos alocação

Definição	Efeito alocação A_{ij}	Especialização ($E_{ij}^0 > E_{ij}^{0*}$)	Vantagem competitiva ($r_{ij} > r_{in}$)
Desvantagem competitiva especializada	-	+	-
Desvantagem competitiva não especializada	+	-	-
Vantagem competitiva não especializada	-	-	+
Vantagem competitiva especializada	+	+	+

Fonte: Herzog e Olsen (1977) e Souza (2009).

Ademais, os autores introduziram ainda o componente t no efeito alocação proposto por Esteban-Marquillas (1972). Logo, o efeito competitivo será;

$$EC_{ij}^{**} = (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^{t*} - E_{ij}^{0*})(r_{ij} - r_{in})$$

(13)

Finalmente, tem-se a variação líquida total (VLT) do emprego do setor i da região j dada pelo resultado da soma entre o efeito estrutural ponderado pelo ano base, o efeito competitivo modificado (equação 13) e o efeito alocação. O resultado é representado por:

$$VLT = E_{ij}(r_{in} - r_n) + (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^t * -E_{ij}^{0*})(r_{ij} - r_{in}) + (E_{ij}^t - E_{ij}^{t*})(E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})(r_{ij} - r_{in})$$

(14)

As reformulações, a partir da referência de Esteban-Marquillas (1972), passaram a ser consideradas em todas as versões posteriores do *shift-share*, incluindo o conceito de homoteticidade do emprego. As taxas r relacionam-se às taxas de crescimento do emprego formal comparativamente entre os dois períodos, enquanto E está relacionado aos valores do emprego formal em termos absolutos.

Assim, na próxima seção apresentamos os resultados empíricos encontrados com a utilização do método estrutural-diferencial para a estrutura de emprego formal de 1990 a 2010 no MS, considerando o estadual em relação ao microrregional. Inicialmente são apresentados os resultados para o modelo simples e, em seguida, os resultados obtidos pelo modelo de Esteban-Marquillas (1972) com as reformulações de Herzog e Olsen (1977). Esse modelo possibilita verificar o padrão de crescimento pelos principais fatores responsáveis pela variação líquida total do emprego formal nas microrregiões do MS, no período de análise.

4. Resultados e discussões

4.1 Método Estrutural-Diferencial Simples

Analisando as taxas de crescimento do emprego formal nas microrregiões (MRGs) do MS (Tabela 3), observa-se que o setor com melhor desempenho é o agropecuário, com uma taxa de crescimento de 7,69%, seguido dos setores da indústria e de serviços, respectivamente. As maiores taxas de crescimento do emprego na agropecuária ocorreram nas MRGS do Baixo Pantanal (23,28%), Bodoquena (19,72%) e Alto taquari (19,03%), enquanto na indústria ocorreram em Cassilândia (19,44%), Paranaíba (14,15%) e Três Lagoas (7,35%).

Uma possível explicação para o bom desempenho da agropecuária pode ser encontrado analisando-se as transformações da agricultura sul-mato-grossense. A análise das últimas décadas do século XX sugere que o crescimento das atividades produtivas comerciais ocorreram a partir da produção em grande escala, visando o mercado internacional e a agroindústria. Assim, o MS se configurou como uma economia regional produtora e exportadora de produtos primários, sendo que a cultura de grãos (especialmente a soja) e os derivados de animais (principalmente bovinos) tem grande peso na pauta, juntamente com os produtos minerais. Ou seja;

nem todos os setores e nem todas as economias regionais seguiram a tendência da “década perdida”, pois a agricultura e o agribusiness, através da atração de capitais pela fronteira agrícola possibilitou a agroindustrialização de novas economias regionais no Brasil. Neste contexto, Mato Grosso do Sul segue a dinâmica econômica da nova fronteira agrícola e do agronegócios (Pavão, pág. 199).

Com relação a estrutura industrial, observa-se que em meados da década de 1990 o estado tinha nas áreas tradicional e de commodities os principais setores industriais, indicando assim a insipiência da indústria de transformação local⁶. Apesar do

⁶ Do total das grandes agroindústrias instaladas em Mato Grosso do Sul, 47% estavam no setor de carne e couro, 33% soja, 20% nos demais setores, enquanto que a distribuição das empresas por tipo, têm-se o

desenvolvimento industrial recente, a dinâmica econômica sul-matogrossense permanece em grande parte determinada pelas flutuações do comércio internacional, por políticas protecionistas dos países consumidores, pela política econômica nacional, por questões de câmbio e das intempéries climáticas. Este conjunto de fatores interfere na produção e na produtividade dos distintos setores.

Os resultados positivos da primeira década do século corrente estão associados ao “boom” das commodities impulsionados principalmente pelo aquecimento da demanda internacional, sobretudo por parte do mercado chinês.

Tabela 3 - Taxas de crescimento do emprego formal por setores de atividades econômicas nas microrregiões do MS, 1990/2010

Microrregiões	Indústria	Serviços	Agropecuária	Total dos Setores
Baixo Pantanal	1,55	1,89	23,28	2,13
Aquidauana	1,25	2,33	3,95	2,42
Alto Taquari	5,37	3,51	19,03	5,07
Campo Grande	3,14	2,20	7,17	2,37
Cassilândia	19,44	5,02	6,26	6,43
Paranaíba	14,15	2,88	11,76	4,80
Tres Lagoas	7,35	2,53	10,07	3,91
Nova Andradina	4,84	4,10	7,71	4,70
Bodoquena	2,58	3,87	19,72	4,46
Dourados	4,20	2,94	4,94	3,33
Iguatemi	4,42	3,98	7,01	4,46
Total do estado	3,91	2,48	7,69	2,91

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

Para identificar os diferentes fatores que atuam no crescimento do emprego regional, utilizou-se o método diferencial-estrutural. Essa metodologia permite ressaltar algumas características regionais, bem como diferenças em termos da taxa de crescimento, por setores de atividades econômicas, entre as regiões (Tabela 4). Ou seja, parte-se da constatação de que nem todos os setores, nem todos os espaços regionais tiveram o mesmo desempenho. Como será observado, nos interstícios, ou nos espaços vazios, à margem do escasso movimento dos principais setores industriais brasileiros do período, o comportamento da agricultura e da indústria ligada ao *agrobusiness* em algumas regiões do MS contrariou a tendência dominante.

Tabela 4 - Decomposição setorial da variação diferencial do emprego formal por setores de atividade nas microrregiões do MS, 1990/2010

Microrregião	Indústria	Serviços	Agropecuária	Total dos Setores
Baixo Pantanal	-4354,19	-4374,16	2087,96	-6640,40
Aquidauana	-1998,42	-519,64	-2919,90	-5437,96
Alto Taquari	813,88	3364,28	4022,51	8200,66
Campo Grande	-10195,74	-27339,42	-661,05	-38196,21
Cassilândia	2594,85	3714,08	-863,30	5445,63
Paranaíba	3880,98	1122,72	1112,75	6116,44
Três Lagoas	6003,65	383,93	2171,97	8559,56

seguinte: 51% empresas nacionais, 36% de empresas regionais, 7% respondidos pelas cooperativas, 4% empresas internacionais e 2% de empresas nordestinas. (CASTRO e FONSECA, 1994).

Nova Andradina	1174,85	3822,10	6,93	5003,88
Bodoquena	-691,64	3189,06	1839,76	4337,19
Dourados	1682,19	9860,12	-6188,43	5353,88
Iguatemi	1089,59	6776,93	-609,19	7257,32

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

As MRGs que apresentaram variação negativa de emprego para o total dos setores foram Aquidauana (-5.437,96), Baixo Pantanal (-6640,40) e Campo Grande (-38.196,21). Essa última registrou o pior resultado na decomposição da variação diferencial no período analisado. Por outro lado, as que apresentaram maior variação positiva foram Três Lagoas, Alto Taquari e Iguatemi. Estas cresceram acima da média do estado e possuem vantagem locais em termos diferenciais, com destaque para Três Lagoas. No caso específico dessa última microrregião, cumpre destacar que a variação positiva se explica em função de o município de Três Lagoas apresentar perfil agroindustrial, destacando-se por ser um polo em expansão.

A Tabela 5 apresenta o efeito estrutural. Nesse caso, as MRGs que registraram variação negativa para o total dos setores foram novamente Baixo Pantanal (-665) e Campo Grande (-22.879). Para ambas, esse resultado decorre do baixo desempenho do setor de serviços, sendo que, para a última região mencionada, este setor apresentou o pior resultado entre os setores e entre as regiões, registrando uma queda de 42.201 de empregos formais. Outras regiões registraram desempenho negativo em serviços, no entanto, este resultado não foi capaz de reverter os efeitos positivos sobre o emprego advindos dos demais setores. Cumpre observar, também, que, no setor da indústria e da agropecuária, todas as microrregiões apresentaram efeito estrutural positivo.

Tabela 5 - Decomposição setorial da variação estrutural do emprego formal por setores nas microrregiões do MS, 1990/2010

Microrregião	Indústria	Serviços	Agropecuária	Total dos Setores
Baixo Pantanal	1851,22	-3158,25	641,71	-665,32
Aquidauana	753,68	-1458,77	3.730,52	3025,44
Alto Taquari	556,76	-1394,86	1700,04	861,95
Campo Grande	13259,39	-42201,99	6.062,70	-22879,90
Cassilândia	166,93	-623,73	2878,10	2421,31
Paranaíba	378,84	-1206,98	1312,15	484,01
Três Lagoas	1744,26	-3574,92	4386,59	2555,94
Nova Andradina	1251,47	-1007,59	1973,01	2216,89
Bodoquena	519,78	-975,64	732,70	276,84
Dourados	5740,57	-9207,61	10741,41	7274,37
Iguatemi	2112,11	-1926,56	4.242,93	4428,48

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

A variação líquida total negativa pode ser explicada pelo efeito combinado de uma variação diferencial com uma variação estrutural também desfavorável. Dessa forma, como observado para as MRGs de Campo Grande e Baixo Pantanal, ambas apresentam variação negativa, com destaque para esta última. Isso indica que elas não apresentam vantagens locais.

A variação diferencial e estrutural positiva, ou seja, o aumento no número de emprego foi observado em Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Bodoquena Dourados e Iguatemi. A microrregião que registrou variação

estrutural positiva, com variação diferencial negativa superior, foi Aquidauana, de tal forma que houve redução no número de empregos (Tabela 6).

Tabela 6 - Padrões regionais de crescimento do emprego formal nas microrregiões do MS, 1990/2010

Microrregiões	Variação Líquida Total	Variação Diferencial	Variação Estrutural
Baixo Pantanal	-7306	-6640,40	-665,32
Aquidauana	-2413	-5437,96	3025,44
Alto Taquari	9063	8200,66	861,95
Campo Grande	-61076	-38196,21	-22879,90
Cassilândia	7867	5445,63	2421,31
Paranaíba	6600	6116,44	484,01
Três Lagoas	11116	8559,56	2555,94
Nova Andradina	7221	5003,88	2216,89
Bodoquena	4614	4337,19	276,84
Dourados	12628	5353,88	7274,37
Iguatemi	11686	7257,32	4428,48

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

4.2 Método Estrutural-Diferencial Ampliado

A Tabela 7 apresenta no âmbito microrregional uma análise setorial baseada na desagregação de doze subsetores. Para o total dos setores analisados, as maiores taxas de crescimento no emprego foram observadas na agropecuária (6,69%), médico, odontológico e veterinário (5,89%) e indústria (3,28%). Por outro lado, o subsetor instituições financeiras foi o que mais desempregou, apresentando taxas negativas para todas as MRGs.

Por outro lado, todas as MRGs tiveram taxas de crescimento positivas ao longo do período analisado. Nesse contexto, as que apresentaram as maiores taxas de crescimento do emprego foram Cassilândia (5,24%), Alto Taquari (3,97%) e Paranaíba (3,73%). Ademais, os resultados mostram que praticamente todas apresentaram taxas de crescimento do emprego para o total dos subsetores acima da taxa registrada pelo estado (1,83%), exceto Baixo Pantanal (1,13%), Campo Grande (1,27%) e Aquidauana (1,46%). Isso implica que a maioria das microrregiões possui setores com dinamismo superior à média do estado.

Uma possível explicação para o fraco desempenho da microrregião do Baixo Pantanal está no processo em curso de reestruturação produtiva e espacial no Pantanal Sul. As mudanças constituem um processo lento de ajuste no modo de produção, onde a nova articulação local-global levou a transformações na produção pecuária, que passa por um processo de modernização e diversificação adequando-se ao mercado globalizado. Ademais, emerge um segundo vetor de dinamização geoeconômica associado a atividade turística. Em relação a pecuária, observa-se que as mudanças incluem novas técnicas de manejo, de produtividade e de reprodução animal, bem como a implantação de áreas com pasto plantado, a redução do tempo de abate, a diversificação da produção, a busca pela melhoria da qualidade da carne, a melhora genética, a preocupação com a sanidade animal, a rastreabilidade do gado, a certificação e novos métodos de gerenciamento e comercialização. No que se refere ao turismo, as belezas naturais existentes e o modo de vida essencialmente rural fomentaram o desenvolvimento do ecoturismo e do turismo rural, que ocorre em função

da beleza natural da região, propicia ao “lazer ecológico” e ao modo de vida rural (Araujo e Bicalho, 2009).

Tabela 7 – Taxas de crescimento do emprego formal por setores de atividades e microrregiões do MS, 1990/2010

Setores/MRG's	Baixo Pantanal	Aquidauana	Alto Taquari	Campo Grande	Cassilândia	Paranaíba	Três Lagoas	Nova Andradina	Bodoquena	Dourados	Iguatemi	Total MS
Indústria	0,26	0,17	3,39	2,87	12,58	12,10	5,84	3,45	1,10	3,66	3,31	3,28
Construção Civil	3,09	2,06	22,21	1,54	53,38	51,80	13,89	29,11	20,23	1,31	5,89	2,09
Comércio Varejista	1,96	2,81	2,81	2,06	6,37	1,65	3,50	2,99	3,32	2,14	2,75	2,31
Comércio Atacadista	-0,36	-0,07	2,94	0,61	0,27	-0,60	0,58	3,32	4,18	0,91	1,94	0,65
Instituições Financeiras	-0,40	-0,45	-0,34	-0,13	-0,27	-0,46	-0,17	-0,39	-0,37	-0,28	-0,48	-0,24
Admin. téc. e Profissional	0,60	0,10	1,14	1,91	3,46	9,09	4,67	0,66	0,32	0,98	-0,15	1,82
Transportes e Comunicações	0,76	0,49	3,00	1,24	64,00	1,36	3,08	5,21	3,69	2,29	8,16	1,66
Alojamento e Comunicações	-0,03	0,01	2,53	0,62	3,62	1,33	-0,53	2,41	11,36	2,35	1,76	0,69
Médico Odont. e Veterinário	7,37	3,94	5,08	13,09	3,20	6,35	7,42	0,45	1,08	2,06	0,46	5,89
Outros serviços	2,63	4,45	3,29	-0,33	3,33	3,28	3,29	2,83	3,76	4,25	3,31	-0,14
Administração Pública	1,06	1,71	2,62	0,81	4,52	2,92	2,43	6,13	2,76	2,33	6,22	1,29
Agropecuária	22,28	2,95	18,03	6,17	5,26	10,76	9,07	6,71	18,72	3,94	6,01	6,69
Total	1,13	1,46	3,97	1,27	5,24	3,73	2,87	3,63	3,37	2,25	3,43	1,83

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

A Tabela 8 apresenta o efeito setorial. De modo geral, este efeito indica que as MRGs que apresentaram resultados positivos possuem uma estrutura produtiva composta por setores considerados dinâmicos ou líderes no âmbito estadual, enquanto as que apresentaram resultados negativos possuem setores pouco dinâmicos. Observa-se, em primeiro lugar, que os setores que mais empregaram foram a indústria (7.527), a agropecuária (6.570) e o comércio varejista (5.331). Em segundo, é possível observar que para o total de setores analisados a maioria das MRGs obteve ganhos na composição setorial, exceto Baixo Pantanal e Aquidauana.

Com maior expansão no total do emprego tem-se: i) Dourados, com 12.688, com destaque para os subsetores do comércio varejista (2.727), indústria (1.977) e administração pública (2.100); ii) Iguatemi, com 12.042, com destaque para a indústria (3.241), comércio varejista (2.347), administração pública (1.902) e agropecuária (1.419); iii) Três Lagoas, com 11.571, com destaque para alojamento e comunicação (3.777), indústria (1.712), administração pública (1.662) e comércio varejista (1.295).

De uma maneira geral, o desempenho da indústria está associado ao processo de desconcentração industrial no país que ocorreu partir dos anos de 1990, quando algumas cidades da região receberam a instalação de capital industrial, que passaram por uma refuncionalização de seu território⁷. No caso do MS, tendo em vista a proximidade com

⁷ A localização e (re) localização das indústrias no território não ocorrem de forma homogênea em todos os lugares, pois há a seletividade espacial, baseada em incentivos e amenidades dos locais.

a matéria prima, o acesso ao mercado consumidor final e às fontes de energia, a presença de porto e as vantagens fiscais, grande parte dos investimentos industriais se concentraram na região de Três lagoas e, mais especificamente, no município de Três Lagoas.

Em outras palavras, o município recebeu a partir dos anos de 1990 incentivos fiscais para a instalação de indústrias que, somados aos atrativos locais como a posição estratégica, vias e formas de circulação com transporte multimodal - BR-262, Ferrovia ALL e navegação Tietê-Paraná, contribuíram para a efetivação da reprodução do capital. Ainda que a mesma já detivesse denso volume de mão de obra, as instalações atraíram pessoas oriundas de outras localidades, tanto para a construção civil das fábricas, seja mão de obra qualificada como engenheiros, químicos, como trabalhadores não qualificados, dentre outros. Nesse contexto também se verificam mudanças no campo, pois a atividade da pecuária vem sendo substituída pela plantação do eucalipto, matéria prima que abastece as duas indústrias de papel e celulose instaladas no município (Milani e Silva, 2011).

Tabela 8 - Efeito setorial nas microrregiões do MS por setores de atividade

Setores/MRGs	Baixo Pantanal	Aquidauana	Alto Taquari	Campo Grande	Cassilândia	Paranaíba	Três Lagoas	Nova Andradina	Bodoquena	Dourados	Iguatemi	Total MS
Indústria	-1159	-266	1134	-3311	488	704	1712	2223	784	1977	3241	7527
Construção Civil	-134	-13	62	-4071	82	19	115	34	20	485	142	-3257
Comércio Varejista	-755	-242	2245	-7930	1366	2003	1295	1417	858	2727	2347	5331
Comércio Atacadista	-369	-34	299	-2012	785	599	312	106	34	732	306	758
Instituições Financeiras	-195	-80	636	-2355	649	441	302	413	388	754	889	1840
Adm tec prof	-303	-59	417	-4544	290	185	829	375	173	826	714	-1097
Transportes e Comum	-601	-38	286	-3066	27	258	430	182	168	505	179	-1670
Alojamento e Comunic	-819	-290	586	-8147	389	538	3777	391	136	1086	621	-1732
Med odon vet	-47	-24	159	-476	157	82	109	350	185	417	224	1136
Outros Serviços	-105	-46	299	-2222	440	246	152	254	193	63	215	-511
Administração Pública	-1980	-477	2350	-23946	1280	1288	1662	977	1597	2100	1902	-13248
Agropecuária	-94	-288	763	-705	2052	523	959	743	236	962	1419	6570
Total	-6561	-1831	8992	-63209	7620	6651	11571	7266	4579	12688	12042	1647

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

Quanto ao efeito competitivo (Tabela 9), verificou-se que somente cinco setores registraram competitividade no âmbito estadual: comércio atacadista, administração técnica e profissional, transporte e comunicação, alojamento e comunicação e administração pública.

Cumpra observar que a “euforia” em torno do etanol provocou a aceleração do desenvolvimento social e econômico em muitas regiões. O governo estadual e as administrações municipais têm procurado atrair investidores na região, concedendo desconto na alíquota do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). O grande interesse pela região para a instalação de novos empreendimentos é

demonstrado pela tramitação de 95 cartas de intenções nos órgãos governamentais. Deste total, há 34 novos empreendimentos que estão, de alguma maneira, sendo colocados em prática por meio da implantação de canaviais e/ou construção da unidade industrial (Pavão, 2005). São esses projetos, em grande parte, que fomentam o desempenho dos setores anteriormente mencionados, dado a necessidade de alocação, transporte, alimentação e assistência diversa para a mão de obra envolvida nessas atividades.

Os setores que registraram efeito competitivo negativo mostram que a microrregião apresenta características que prejudicaram o seu desempenho, não existindo vantagens locais. Notadamente, os setores da agropecuária e de instituições financeiras foram os setores que apresentaram efeito competitivo negativo para todas as MRGs e para o total do estado. Além disso, os setores que apresentaram efeito competitivo negativo e cresceram abaixo da média estadual foram: comércio atacadista (Alto Taquari, Cassilândia, Três Lagoas, Nova Andradina, Dourados, Iguatemi); transporte e comunicação (Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari, Campo Grande, Paranaíba); alojamento e comunicação (Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Nova Andradina, Iguatemi); e administração pública (Baixo Pantanal, Alto Taquari, Campo Grande, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Bodoquena).

Para a indústria, Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari, Nova Andradina, Bodoquena e Iguatemi apresentaram efeito competitivo positivo. Para as demais, houve perda de competitividade.

Tabela 9 - Efeito competitivo nas microrregiões do MS por setores de atividade, 1990/2010.

Setores/MRGs	Baixo Pantanal	Aquidauana	Alto Taquari	Campo Grande	Cassilândia	Paranaíba	Três Lagoas	Nova Andradina	Bodoquena	Dourados	Iguatemi	Total MS
Indústria	774	1025	2.420	-62151	-26963	-53208	-39737	975	4139	-33766	1046	-157017
Construção Civil	-1942	-263	-27606	-3218	-91534	-58630	-34255	-33811	-13533	3674	-4455	-7518
Comércio Varejista	-2647	-3562	5872	-33916	-4977	6614	-5653	2777	182	2255	5006	-50158
Comércio Atacadista	-935	-18	605	-11	347	-1109	936	125	-207	1139	952	2561
Instituições Financeiras	-869	-734	-1396	-9406	-908	-1197	-934	-1066	-1165	-6107	-2920	-25871
Adm tec prof	279	465	3286	-10860	1826	-9003	-9026	2750	1884	5522	4336	158
Transportes e Comum	82	242	964	244	-60347	1471	-454	-1674	-232	-151	-8998	3275
Alojamento e Comunic	-1007	-682	2170	-338	1815	2272	-12495	1516	-12458	-671	3158	10553
Med odon vet	-6114	-1357	-1078	-206889	1164	-1999	-9035	1564	983	756	2879	-117738
Outros serviços	-265	-1216	253	-9620	667	151	-158	238	-144	-946	42	-10246
Administração Pública	160	-635	7834	9506	3078	3622	4206	-15740	2604	-1598	-34242	49681
Agropecuária	-100209	-4046	-116699	-151940	-74	-31412	-73305	-13463	-63312	-27354	-20545	-483623

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

A Tabela 10 apresenta o efeito alocação. Este efeito foi negativo para o total da microrregião de Campo Grande (-52.073). O que se percebe com relação a esta microrregião é que ela tem enfrentado um processo de desaglomeração das atividades produtivas que tendem a se deslocar para outras MRGs. Uma possível explicação para essa tendência é o fato de alguns setores não encontrarem mais vantagens para se instalar/permanecer neste local em consequência do preço dos aluguéis e da falta de

mão de obra especializada, por exemplo⁸. Por outro lado, para as demais MRGs este efeito foi positivo, com destaque para Alto Taquari (59.420), Três Lagoas (49.116), Cassilândia (32.764) e Bodoquena (25.918). Em linhas gerais, isso significa estruturas produtivas especializadas em setores dinâmicos.

Tabela 10 - Efeito alocação nas microrregiões do MS por setores de atividade, 1990/2010.

Setores/MRGs	Baixo Pantanal	Aquidauana	Alto Taquari	Campo Grande	Cassilândia	Paranaíba	Três Lagoas	Nova Andradina	Bodoquena	Dourados	Iguatemi
Indústria	1.465	1.638	628	-17190	-1602	18373	12012	-303	2763	7269	-264
Construção Civil	15	-200	-4651	946	30632	-9315	-1797	-6119	-4884	1942	-2095
Comércio Varejista	5	550	245	892	343	1582	-1012	273	5	-130	536
Comércio Atacadista	412	140	-99	-548	874	1870	830	23	-76	-744	134
Instituições Financeiras	-94	53	743	-1943	713	660	241	569	462	865	1326
Adm tec prof	234	640	2583	4006	930	-70	2858	2554	2006	3164	6428
Transportes e Comum	-82	244	316	-34	-647	918	-15	-173	-13	-2	-876
Alojamento e Comunic	420	446	570	-2558	664	1150	12928	506	2822	234	1527
Med odon vet	-363	-230	-327	47737	657	-684	-2483	1621	663	167	2909
Outros serviços	698	1737	-279	893	-729	-175	179	-287	173	1244	-44
Administração Pública	-64	170	1554	-2743	901	968	1511	-487	-252	-250	3723
Agropecuária	23211	1.629	58137	-81531	28	8047	23864	2309	22249	-1456	4625
Total	25857	6817	59420	-52073	32764	23324	49116	486	25918	12303	17929

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

A análise do efeito alocação se completa com o estudo dos sinais, indicando a existência de vantagem/desvantagem competitivas, bem como especialização/não especialização. As tabelas 11 e 12 a seguir mostram as possíveis alternativas para o mesmo, levando em consideração as MRGs e setores.

A agropecuária foi o setor com vantagem competitiva que se destacou em nove das onze microrregiões. Isso implica que este setor vem crescendo acima da média do estado, nessas MRGs. Cumpre destacar que neste caso o perfil microrregional está voltado para a pecuária bovina e para a agricultura, em especial, ao cultivo da soja, milho e cana-de-açúcar. Destaca-se, também, o fato de a indústria apresentar vantagens competitivas especializadas em Paranaíba, Três Lagoas e Dourados. Essas MRGs têm se destacado como centros agroindustriais e fazem parte dos polos econômicos oriundos principalmente nas agroindústrias frigoríficas e laticínios, alimentos e têxteis (Tabela 11, alternativa 1).

A alternativa 2 mostra que, de um modo geral, as MRGs não são especializadas em setores nos quais têm competitividade, destacando entre eles os setores da construção civil, transportes e comunicação e médico, odontológico e veterinário.

⁸ Cabe destacar que essa justificativa é corroborada por Souza e Souza (2004) e Lima e Simões (2011), entre outros, que mostram que fatores desaglomerativos à densidade urbana presentes na região/microrregião podem “expulsar” atividades menos lucrativas para áreas circunvizinhas e/ou para seu entorno, indicando um processo de interiorização.

Ressaltam-se a indústria e o comércio atacadista em Campo Grande, bem como transportes e comunicação nas microrregiões que se destacam como pólos econômicos (Três Lagoas, Nova Andradina e Dourados).

Tabela 11 - Vantagens competitivas

Setores	Vantagem competitiva especializada (alternativa 1)	Vantagem competitiva não especializada (alternativa 2)
	Microrregiões	Microrregiões
Indústria	Paranaíba, Três Lagoas, Dourados.	Campo Grande, Cassilândia.
Construção civil	Baixo Pantanal, Campo Grande, Cassilândia	Aquidauana Alto Taquari, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Bodoquena, Iguatemi.
Comércio Atacadista	-	Aquidauana, Campo Grande, Três Lagoas
Comércio varejista	Baixo Pantanal.	Campo Grande, Bodoquena
Adm tec prof	Campo Grande, Três Lagoas.	Paranaíba.
Alojamento e comunic	Bodoquena, Dourados	-
Transportes e comum	-	Cassilândia, Três Lagoas, Nova Andradina, Bodoquena, Dourados, Iguatemi.
Med odon vet	Baixo Pantanal, Campo Grande	Aquidauana, Alto Taquari Paranaíba, Três Lagoas.
Outros serviços	Baixo Pantanal, Aquidauana, Três Lagoas.	-
Administração Pública	Aquidauana, Bodoquena, Dourados, Iguatemi.	Nova Andradina, Dourados.
Agropecuária	Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Bodoquena, Iguatemi	Campo Grande, Dourados.

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

De modo geral, um pequeno número de MRGs apresenta desvantagem competitiva especializada, como se observa nos setores instituições financeiras, outros serviços e administração pública (Tabela 12, alternativa 3).

A alternativa 4 mostra que em grande parte das MRGs existem desvantagens competitivas não especializadas principalmente nos seguintes setores: administração pública, comércio varejista, comércio atacadista, instituições financeiras, administração técnica e profissionalizante, transportes e comunicações, alojamento e comunicações, médico odontológico e veterinário. Esses setores apresentam baixo dinamismo (Tabela 12, alternativa 4).

Ademais, observa-se que a desvantagem competitiva não especializada está relacionada principalmente ao setor (subsetores) de serviço(s). Ou seja, ainda que este setor apresente maior participação na composição do PIB, é marcante seu baixo dinamismo. Isso pode ser explicado pelo reduzido número de estabelecimentos, bem como pela impossibilidade de produção de grande escala dado o reduzido tamanho do mercado, o que impede os ganhos crescentes de escala e de produtividade associados a um maior nível de produção (oferta de serviços). Ainda, em muitas dessas MRGs a concorrência é quase nula, o que desestimula os investimentos e a busca por competitividade.

Tabela 12 - Desvantagem competitiva

Setores	Desvantagem competitiva especializada (alternativa 3)	Desvantagem competitiva não especializada (alternativa 4)
	Microrregiões	Microrregiões
Indústria	Nova Andradina, Iguatemi.	Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari Bodoquena.
Comércio varejista	Dourados,	Alto Taquari Cassilândia, Paranaíba, Nova Andradina Bodoquena, Dourados, Iguatemi.
Comércio atacadista	Alto Taquari, Dourados,	Baixo Pantanal, Aquidauana, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Iguatemi.
Adm. Tec. Prof	-	Aquidauana, Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina Bodoquena, Iguatemi.
Instituições financeiras	Baixo Pantanal, Campo Grande, Dourados,	Baixo Pantanal, Aquidauana Alto Taquari, Cassilândia, Nova Andradina, Bodoquena, Dourados, Iguatemi.
Transportes e comum	Baixo Pantanal, Campo Grande.	Aquidauana, Alto Taquari, Paranaíba.
Alojamento e comunic	Campo Grande.	Baixo Pantanal, Aquidauana, Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas, Nova Andradina, Iguatemi.
Med odon vet	-	Baixo Pantanal, Cassilândia, Nova Andradina, Dourados, Iguatemi.
Outros serviços	Alto Taquari, Cassilândia, Paranaíba, Nova Andradina	Campo Grande, Bodoquena, Iguatemi.
Administração Pública	Baixo Pantanal, Campo Grande, Bodoquena,	Alto Taquari Cassilândia, Paranaíba, Três Lagoas.

Fonte: Elaboração própria baseada nos dados da RAIS.

5. Considerações Finais

Este trabalho analisou a dinâmica do emprego por setor de atividade econômica nas onze microrregiões do estado do MS, no período de 1990/2010. Os resultados mostram que existem disparidades entre as microrregiões e entre os setores de atividades. Por meio do método estrutural-diferencial, aplicado para os grandes setores da agropecuária, indústria e serviços, verificou-se que todas as MRGs registraram efeito estrutural positivo para os dois primeiros setores. No terceiro, todas as microrregiões apresentaram variação estrutural negativa, sendo que a microrregião de Campo Grande registrou o pior resultado no comparativo entre os setores e MRGs. Quanto à variação diferencial, as microrregiões que apresentaram variação positiva de emprego para todos os setores foram Alto Taquari, Paranaíba, Três Lagoas e Nova Andradina. Estas microrregiões cresceram acima da média do estado e possuem vantagem locais em termos diferenciais, com destaque para a microrregião de Três Lagoas, com variação diferencial positiva de 8.559 empregos formais.

Quando analisados os subsetores nas microrregiões do MS verificou-se que a maioria delas teve bom desempenho, exceto as MRGs Baixo Pantanal e Aquidauana. Por outro lado, o efeito competitivo mostra que somente cinco subsetores registraram competitividade no âmbito estadual - comércio atacadista, administração técnica e profissional, transporte e comunicação, alojamento e comunicação e administração pública. Os demais subsetores apresentaram efeito competitivo negativo para todas as MRGs, com destaque para agropecuária e instituições financeiras.

O efeito alocação foi negativo para o total da microrregião de Campo Grande. Nas demais microrregiões, este efeito foi positivo, com destaque para Alto Taquari (59.420), Três Lagoas (49.116), Cassilândia (32.764) e Bodoquena (25.918). Agropecuária foi o setor de destaque na maioria das microrregiões, crescendo acima da média do estado, constituindo vantagem competitiva especializada. Por outro lado, em geral as MRGs não são especializadas em setores nas quais têm competitividade. Grande parte das MRGs apresentou desvantagens competitivas não especializadas, mostrando seu baixo dinamismo relacionado, principalmente, com o setor de serviços.

Por fim, ressalta-se que a análise empreendida sugere que o mercado de trabalho no MS tem uma dimensão estrutural, associado aos novos paradigmas da produção que impõem um movimento de rápida e profunda modernização das forças produtivas. Por outro lado, o desempenho do mercado de trabalho também é caracterizado por questões conjunturais associadas às modificações na política econômica brasileira e estadual ao longo das últimas duas décadas. Em relação a este ponto, destacam-se as políticas de incentivos que têm modificado substancialmente o mercado de trabalho do estado, como, por exemplo, os incentivos dados ao setor sucroalcooleiro, de uma forma geral, e ao setor industrial, de forma particular, sobretudo no município de Três Lagoas. Em ambos os casos, somado aos fatores conjunturais associados ao bom desempenho da economia brasileira, a adoção dessas e de outras políticas interferem substancialmente na formação e na evolução desse mercado.

6. Referências

- ARAÚJO, A. P. C. e BICALHO, A. M. S. Crescimento econômico e organização do espaço agrário no pantanal sul de Mato Grosso do Sul. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2009, pp. 1-23.
- BORGES, A. As novas configurações do mercado de trabalho urbano no Brasil: notas para discussão. **Caderno CRH** (UFBA. Impresso), v. 23, p. 619-632, 2010.
- CADASTRO GERAL DE EMPREGADO E DESEMPREGADOS. CAGED. Disponível em: <http://www.caged.gov.br>. Acesso em: outubro de 2012.
- CASTRO, A. C.; FONSECA, M. da G. O potencial do agribusiness na fronteira. **Revista de Economia Política**, São Paulo, vol. 14, n.º 1 (53), pág. 63-84, 1994.
- COUTINHO, L.; FERRAZ, J. C. (Coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas/SP: Papirus; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. 510p
- CHAHAD, J. P. Z. Estabilização em tempo de mudança: realidade e desafios no caso brasileiro. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre: FEE, v. 26, n. 2, 1998.
- DEDECCA, C. S. O desemprego e seu diagnóstico hoje no Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 18, n. 1, p. 99-109, janeiro/março, 1998.
- DEDECCA, C. S.; ROSANDISKI, E. N. Recuperação econômica e geração de empregos formais. **Revista Parcerias Estratégicas**, Brasília, n. 22, jun. 2006.
- DOMINGUES, A. T. ; THOMAZ JUNIOR, A. Transformações Político-econômico-territorial do capital em Mato Grosso do Sul: A consolidação do Agronegócio como ponto de partida do desenvolvimento econômico. In: **X Jornada do Trabalho**, 2009, Presidente Prudente - SP. X Jornada do Trabalho: A importância da Teoria para a Transformação Social e a Imprescindibilidade da Pesquisa para a Materialização da Práxis Emancipadora da Classe Trabalhadora no Século XXI, 2009.

- ESTEBAN-MARQUILLAS, J.M. Shift-share analysis revisited. **Regional and Urban Economics**, v. 2, n. 3, p. 249-261, 1972.
- HADDAD, P. R. **Método de Análise diferencial-estrutural**. Economia regional (Teorias e métodos de análise). Fortaleza: Banco Nordeste do Brasil, 1989.
- HERSEN, A.; FERRARA DE LIMA, J. Crescimento Estrutural-diferencial nas unidades federativas brasileiras no período de 1994-2004. **Voos Revista Polidisciplinar Eletrônica** da Faculdade Guairacá, Cadernos de Ciências Humanas, V. 1, jul. 2009.
- HERZOG, H. W.; OLSEN, R. J. Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure, a reply. **Journal of Regional Science**, v. 17, n. 3, p.441-454, 1977.
- HOTZ, K. G; ZANARDINI; I. M. S. Implicações do processo de reestruturação produtiva no Brasil para os trabalhadores e a educação: algumas considerações. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 131-138, jul.-dez. 2009.
- LACERDA, A. C. **O impacto da Globalização na Economia Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1998.
- LIMA, A. C. da C.; SIMÕES, R. F. Centralidade e emprego no estado de Minas Gerais no Período 1995/2008. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 42, p. 779-805, 2011.
- MATTOSO, J; BALTAR, P. Transformações estruturais e emprego nos anos 90. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 13-47, 1997.
- MATTOSO, J. **A desordem do trabalho**. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995. 209p.
- MILANI, P. H. e SILVA, E. A. Dinâmica econômica e organização territorial da Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.1, n.1, p.64-78, jun-nov. 2011.
- MISSIO, F. J.; ALVES, F. D.; VIEIRA, R. M. Economia Popular Solidária e Precarização das Relações de Trabalho. **Análise (PUCRS)**, v. 18, p. 2-22, 2007.
- OLIVEIRA, M. A reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho. In: **Neoliberalismo e reestruturação produtiva**. São Paulo: Cortez Editora, 1996, p. 163-175.
- PAVÃO, Eugênio da Silva. **Formação, Estrutura e Dinâmica da Economia de Mato Grosso do Sul no Contexto das Transformações da Economia Brasileira**, 2005. Dissertação (Mestrado em Economia Industrial). Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2005.
- PEREIRA, A. S. O método estrutural-diferencial e suas reformulações. **Teoria e evidência econômica**, v. 5, n. 9, p. 91-103, maio/1997.
- PEREIRA, M. C. **A expansão da cadeia sucroalcooleira em Mato Grosso do Sul, Dinâmica e Determinantes**. Campo Grande, Departamento de Economia e Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 207, 252 p. Dissertação de mestrado.
- PEREIRA, S.; CAMPANILE, N. O método estrutural modificado: uma aplicação para o estado do Rio de Janeiro entre 1986 e 1995. **Teoria e Evidência Econômica**, V. 7, n. 13, p.121-140, Passo Fundo, Nov. 1999.
- POCHMANN, M. Velhos e novos problemas do mercado de trabalho no Brasil. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre: FEE, v. 26, n. 2, 1998.

SANTOS, T. dos. **A economia mundial: Integração regional e desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SECRETARIA DO ESTADO DO MEIO AMBIENTE, DAS CIDADES, PLANEJAMENTO, DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. SEMAC. Diagnóstico Socioeconômico de Mato Grosso do Sul (vários anos).

SINGER, P. **Globalização e Desemprego**: Diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SOUZA, N. de J.; SOUZA, L. de R. Dinâmica estrutural-diferencial da Região Metropolitana de Porto Alegre, 1990/2000, **Economia**, Curitiba: Editora da UFPR, V. 30, n. 28, p. 121-144, jul/dez.2004.

STILWELL, F. J. B. Regional growth and structural adaptation. **Urban Studies**, v. 6, p. 162-178, 1971.

WERNECK, H. Reestruturação produtiva e desestruturação do mundo do trabalho. **Economia & Gestão**, v. 2, n. 3, p. 9-35, jan./jun. 2002.